

Resistir: caminhos alternativos para o estudo do testemunho

To resist: alternative paths to testimony studies

*Maria Eliza Zahner*¹

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS/UFRJ), Brasil. E-mail: mezahner@yahoo.com.br

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

Este trabalho propõe uma visão alternativa aos conceitos tradicionais dos estudos de literatura de testemunho, apresentando a ideia da escrita pela resistência da identidade. Baseando-nos nas obras de Márcio Seligmann-Silva sobre o trauma, a representação e o papel do historiador, podemos notar a prevalência do conceito “trauma”: o termo é amplamente utilizado para entender a motivação de sobreviventes de eventos-limite em sua escrita. A partir disso, pensamos em outros conceitos que podem ser articulados, como a angústia, o luto e a resistência. Leremos, então, as autoras Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga como exemplos de sobreviventes que reafirmam suas identidades através da escrita.

PALAVRAS-CHAVE: literatura de testemunho; Ruth Klüger; Scholastique Mukasonga; trauma.

ABSTRACT

This paper proposes an alternative look to the traditional concepts in the studies of testimony literature, presenting the idea that writing shows the resistance of one's identity. Based in the works of Márcio Seligmann-Silva on trauma, representation, and the historian's role, we observe the prevalence of the “trauma” key in these studies: this term is widely used to understand what motivates survivors of “events at the limit” to write. Furthermore, we contemplate what other concepts can be used in this study, such as angst, grief, and resistance. We will, then, read authors Ruth Klüger and Scholastique Mukasonga as examples of survivors that reaffirm their identities through their writings.

KEYWORDS: literature of testimony; Ruth Klüger; Scholastique Mukasonga; trauma.

Possibilidade da representação

As catástrofes e genocídios, por lidarem com questões tão extremas entre violência e morte, se encontram no patamar de assuntos sensíveis e complexos demais para se representar em palavras. O que ouvimos ou lemos parece estar fora de nossa realidade, ou melhor, *estão* fora da nossa realidade, pois fogem demais das possibilidades de nosso cotidiano.

Para Márcio Seligmann-Silva (2000), o testemunho traz a possibilidade de narrar o inenarrável:

A qualidade da experiência dos *Lager* é tão intensa que gera o efeito perverso da sua não-realidade. Daí porque as representações hiper-realistas do Holocausto, via de regra, apenas reproduzem essa impressão de irrealidade em vez de possibilitarem um autêntico trabalho de rememoração e reintegração da cena traumática. Com relação a esse evento vale o mote: “Ver para não crer.” (SELIGMANN-SILVA, 2000, 94)

Mesmo sendo uma possibilidade, o testemunho ainda apresenta a dificuldade da representação. Por ser uma elaboração do passado e não o passado em si, abre espaço para figuras de linguagem, esquecimentos, floreios e parcialidades; é, enfim, paradoxal. Seligmann-Silva e Arthur Nastrovski apontam, na introdução de *Catástrofe e Representação*, um problema da representação: “o paradoxo de um conhecimento voltado para o que há de mais marcante e específico na experiência, mas fadado a perder a especificidade exatamente ao torná-la compreensível” (NESTROVSKI e SELIGMANN-SILVA, 2000: 7).

É, de fato, delicado esse balanço. O testemunho é específico a cada pessoa, afinal, cada experiência é uma experiência diferente. Tentar trazer aos

leitores suas marcas não o faz, de fato, compreensível. Dominick LaCapra aponta, no segundo capítulo da obra *Escribir La Historia, Escribir El Trauma*, os problemas de transferência entre historiador e objeto de estudo. É necessário que haja uma relação emocional com a pesquisa, mas que nos atentemos também a não trabalhar problemas próprios em cima do trauma que é narrado. Assim, mesmo que haja uma compreensão do que está sendo dito pelas testemunhas, não é possível que seja compreensível em um nível pessoal. Afinal, enquanto pesquisadores, nunca conseguiremos passar pelas mesmas vivências dos sobreviventes de eventos limite².

Sobre a experiência do historiador e o modo como lidar com as experiências traumáticas, LaCapra emprega a noção de “desassossego empático”:

Acolher as experiências traumáticas dos outros, especialmente das vítimas, não implica apropriar-se delas, mas sim o que eu chamaria de um desassossego empático, que deveria ter efeitos estilísticos ou, mais geralmente, efeitos sobre a escrita que não podem ser reduzidos a fórmulas ou receitas. [...] No mínimo, o desassossego empático opõe uma barreira ao fechamento do discurso e questiona as explicações de eventos limite que apaziguam ou exaltam nosso espírito, e com a qual tentamos nos tranquilizar ou nos beneficiar (por exemplo, a confiança injustificada na capacidade do espírito humano de suportar as adversidades com dignidade e nobreza (LACAPRA, 2005, 63, trad. minha)

Aliando-me a essa ideia, me questiono sobre as categorias tradicionais utilizadas no campo de estudos do testemunho. Pedro Caldas, no artigo “O conceito de evento limite: Uma análise de seus diagnósticos”, discute as categorias comumente acionadas para definir eventos-limite (temporalidade, narrativa e imaginação) e sua relação direta com o conceito de trauma – um

² Conceito de Saul Friedlander: “an event which tests our traditional conceptual and representational categories, an ‘event at the limits’” (FRIENDLANDER, 1992, 3).

clássico na leitura de testemunhos, quase um diagnóstico da escrita sobre eventos-limite. Entretanto, apesar de seu uso habitual, ele apresenta limites. Assim, o autor explora o uso da angústia, presente na escrita de Primo Levi, como uma possibilidade diagnóstica para as lacunas que o trauma não consegue preencher:

[Primo Levi] aponta um mal, um desconforto, para o qual ele, homem ateu, só consegue encontrar equivalente em um texto religioso. Angústia. E isso me chamou especialmente a atenção, pois, como veremos mais adiante, ao menos quando abordado nas discussões teóricas sobre a *Shoah*, o conceito prevalente é o de *trauma*. Fala-se em experiência traumática, em evento traumático, em representação do trauma, porém, salvo engano, menos em experiência angustiante, em evento angustiante ou em representação da angústia (CALDAS, 2019, 2)

É em conexão com essa ideia que, neste artigo, procuramos compreender outros modos de ver a literatura de testemunho. Estamos acostumados a ler representações de catástrofes, narrativas voltadas para a violência e que buscam justiça ou, ainda, que buscam elaborar seus traumas – por exemplo, quando lemos Jean Améry ou o espanhol Jorge Semprún. Proponho, assim, explorar a perspectiva de duas novas autoras. Em Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga, veremos o papel da inquietação em suas obras e as visões dos eventos pelos quais passaram. E, com elas, vamos pensar uma nova chave de leitura para a literatura de testemunho.

Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga

Como Primo Levi testemunha no seu “*Se questo é un uomo?*”, para os habitantes do campo de concentração “o problema do futuro longínquo foi se apagando, perdeu toda intensidade perante os problemas do futuro imediato, bem mais urgentes e concretos: como a gente comerá hoje, se vai nevar, se vamos ter que descarregar carvão”. A consequência dessa vivência

extremamente intensa é a destruição do consciente e da capacidade de discernimento entre o real e o irreal. Devido ao excesso de realidade ocorre um distúrbio na dialética entre o princípio de realidade e o de prazer. A vivência no campo de concentração assume um espaço e um peso de uma dimensão tal que tendencialmente apaga tudo o que ocorreu antes e, retrospectivamente, tudo o que veio a ocorrer depois. Dá-se uma cisão do Eu. (SELIGMANN-SILVA, 2000, 93)

Segundo Seligman-Silva, a experiência do campo seria como um distúrbio na realidade: um “excesso de realidade” que cria uma cisão e confusão no tempo. O passado e o futuro descolam-se do presente, sendo o futuro longínquo apagado, pois as únicas preocupações estão próximas: a fome, a neve, o trabalho no campo. Assim, o *Lager* tem o poder não apenas de apagar o Eu da vida anterior, mas também as expectativas do que está por vir. A pessoa que passou por essa experiência sofre, dentro desse contexto, uma cisão. Em alguns testemunhos podemos ver essa influência do trauma – sobreviventes que carregam ainda essa confusão. Assim, nesse sentido, cita Primo Levi e Jorge Semprún, que, constantemente, sonham estar de volta no campo. A vida, dividida em “antes e depois”, é, portanto, afetada: “Para ele [Semprún], Buchenwald constitui a ‘última realidade’, tudo fora dessa experiência sufocante assemelha-se ou tem a leveza de um sonho” (SELIGMANN-SILVA, 2000, 94).

Em contrapartida, quando penso nessa questão, lembro da fala de outra sobrevivente, Ruth Klüger, que, em *Paisagens da Memória*, escreve:

A Auschwitz nunca mais voltei e tampouco tenho intenção de fazê-lo nesta vida. Para mim, Auschwitz não é um lugar de peregrinação, um santuário. Poderia vangloriar-me por ter saído de lá com vida, mas quero dizer que Auschwitz não se tornou um lugar de referência para mim, que passei por ali e esse lugar não conseguiu me reter [...] Não pertenço àquele lugar que vi com os olhos, senti com o nariz e temi como nunca, e que hoje existe apenas como museu, e nunca pertenci a ele. Um lugar para os que querem preservar a área.

E, no entanto, esse lugar torna-se para todo aquele que ali sobreviveu uma espécie de lugar de origem. A palavra Auschwitz tem hoje uma grande aura, mesmo que seja negativa, de modo que ela determina em grande medida o que se pensa sobre uma pessoa quando se sabe que ela esteve lá. Também em relação a mim, as pessoas que querem dizer algo importante a meu respeito mencionam que estive em Auschwitz. **Mas não é tão simples assim, pois não importa o que vocês possam pensar, não venho de Auschwitz, venho de Viena.** Viena não pode ser posta de lado, ela se percebe pela minha linguagem; Auschwitz, porém, era tão estranho para mim quanto a lua. Viena é uma parte de minha estrutura mental e fala através de mim, enquanto Auschwitz foi o lugar mais despropositado onde jamais estive e a lembrança que tenho de lá permanece na alma como um corpo estranho, como um projétil de chumbo que não pode ser extirpado do corpo. Auschwitz foi apenas um acaso monstruoso. (KLÜGER, 2005, 125-126, grifos meus)

“Não venho de Auschwitz, venho de Viena”. Com essa frase, a autora nos mostra um pouco do que sente: ela não foi separada de seu passado. Para ela, a confusão do pós-campo não ocorre do mesmo jeito. Annette Wieviorka, em *The Era of the Witness*, considera Klüger como a pessoa que quebra com a imagem do ex-prisioneiro, tão comum nas testemunhas das décadas após o julgamento de Eichmann:

Estamos na presença de um segundo mito fundador. A história inteira de um indivíduo se amarra aos anos que passou no campo ou nos guetos por causa de um puro postulado: de que essa experiência foi a experiência decisiva de sua vida. Isso, no entanto, ainda há de ser provado, algo que ninguém ainda fez. Ruth Klüger é, pelo que sei, a única a protestar contra essa imagem do ex-prisioneiro. (WIEVIORKA, 2006, 139, trad. minha).

Tendo passado por três campos de concentração em sua infância, Ruth Klüger tem muito a dizer sobre a experiência no Lager. Porém, ao lermos seu livro, nos deparamos com uma autobiografia que vai muito além disso. O antes

e o depois são partes essenciais de sua vida e sua formação. Manias e medos que tivera na infância, antes do campo de Theresienstadt, permanecem depois de adulta, morando em Nova York. As complicadas relações familiares se mantêm emaranhadas. Chega a ser curioso o modo como expõe essas questões, pois sabe que pode ser questionada sobre isso:

Logo se vê que estas memórias praticamente não tratam dos nazistas, sobre quem tenho pouco a dizer, mas sim, ao contrário, das pessoas difíceis, neuróticas, que eles encontravam em seu caminho, famílias que, como seus vizinhos cristãos, não tinham levado uma vida ideal. (KLÜGER, 2005, 53)

Ao ser questionada se sua família não havia se aproximado devido aos acontecimentos externos do Terceiro Reich, responde: “Isto é uma bobagem sentimental baseada na ideia absurda de que o sofrimento purifica.” (KLÜGER, 2005, 53) Eram, afinal, pessoas comuns. O livro não fala sobre os nazistas ou a perseguição aos judeus. É um livro sobre sua identidade, uma resposta às pessoas que reagem mal quando ela conta sobre seu passado. Trata-se das diversas estruturas, com rachaduras e tudo, que compõem seu Eu.

Dentre essas estruturas estão, é claro, as pessoas que perdeu no caminho: seu pai, morto numa câmara de gás, e seu irmão, que foi assassinado no transporte para os campos. A angústia de não saber os detalhes de suas mortes e de não ter um lugar para honrá-los a faz perseguir seus fantasmas.

“Onde não existe túmulo, o trabalho de luto nunca termina.” (KLÜGER, 2005, 87). No entanto, ela encontra seu próprio local de rememoração em forma de escrita. *Paisagens da Memória* é recheado de poesias, de sua autoria, que dedica aos que perdeu. Para o pai, por exemplo: “Escrevi-lhe versos, em alemão e em inglês, uma espécie de exorcismo” (KLÜGER, 2005, 34). Escrever não é só um ato de reafirmar sua identidade, mas também de rememoração do outro e, de algum jeito, lidar com seu luto.

Também a autora Scholastique Mukasonga opera com a rememoração por meio da escrita. Sobrevivente não do Holocausto, mas de um genocídio cronologicamente mais próximo a nós – o de Ruanda, em 1994, mulher tutsi, ela nasceu em Guicongoro e foi, junto com sua família, exilada em Nyamata pela perseguição dos hutus. Apesar de não estar em Ruanda no ápice do genocídio, Mukasonga é uma sobrevivente. Enquanto crescia, sentia o ódio e violência aos seus. Seu primeiro livro autobiográfico, *Baratas*, explicita, desde o título, a animalização dos tutsis pelos hutus: “Eles nos chamavam de *inyenzis*, as baratas. A partir de então, em Nyamata, seríamos todos baratas. Eu era uma *inyenzi*” (MUKASONGA, 2018, 47).

Ela narra, em seus livros, essa sensação de saber que não era bem-vinda em seu país. Desde muito cedo, nas vilas e no colégio, experienciou a segregação e o ódio. Além disso, fala sobre a espera agonizante que sentia ao crescer e ter a consciência de que a morte estava próxima:

Hoje em dia, não existe mais nada. Os assassinos destruíram a cara até não sobrar qualquer vestígio. A *brousse* recobriu tudo. É como se não tivéssemos existido jamais. E, no entanto, minha família viveu lá, na humilhação, no medo de cada dia, na expectativa daquilo que aconteceria e que não sabíamos nomear: o genocídio. E sou a única a possuir essa lembrança. É por isso que escrevo essas linhas. (MUKASONGA, 2018, 51)

Todo tutsi sabia que o massacre aconteceria. O *quando* e *como* eram apenas especulações. Então, como conta Mukasonga, a comunidade se juntava para sobreviver como podia. Em *Baratas*, a autora relata sua vida, desde o nascimento nos anos 1950 até 2004, quando retorna a Ruanda. O livro é uma homenagem aos tutsis, os mortos e os sobreviventes, e, em especial, à sua família. Ela, que, junto com seu irmão, se refugiou no Burundi, não estava lá quando o resto de sua família foi assassinada. Com os depoimentos de

sobrinhas e vizinhos sobreviventes, soube depois dos detalhes e escreveu para fazer, como ela diz, a chamada de seus mortos.

Eu não estava entre os meus quando foram cortados a facão. Como é que pude continuar vivendo nos dias da morte deles? Sobreviver! Na verdade, essa era a missão que nossos pais tinham confiado a mim e a André. Deveríamos sobreviver, e no momento eu sabia o que significava essa dor. Era um peso enorme que recaía sobre os meus ombros, um peso muito real, que me impedia de subir a escadinha que levava à sala de aula, me fazia parar em frente à porta do meu apartamento, incapaz de abri-la e entrar. Tinha a meu cargo a memória de todos esses mortos. Eles me acompanhariam até a minha própria morte. (MUKASONGA, 2018, 132)

Perseguida pelos mortos, Scholastique Mukasonga se vê com a responsabilidade de eternizar a memória de seu povo. Suas tradições, relações, cotidiano e o modo como os tutsis se adaptaram ao exílio se entrelaçam em sua narrativa. No livro *A Mulher de Pés Descalços*, essa missão é ainda mais forte, por ser dedicado à memória de sua mãe.

Não cobri o corpo da minha mãe com o seu pano. Não havia ninguém lá para cobri-lo. Os assassinos puderam ficar um bom tempo diante do cadáver mutilado por facões. As hienas e os cachorros, embriagados de sangue humano, alimentaram-se com a carne dela. Os pobres restos de minha mãe se perderam na pestilência da vala comum do genocídio, e talvez hoje, mas isso não saberia dizer, eles sejam, na confusão de um ossuário, apenas osso sobre osso e crânio sobre crânio.

Mãezinha, eu não estava lá para cobrir o seu corpo, e tenho apenas palavras – palavras de uma língua que você não entendia – para realizar aquilo que você me pediu. E estou sozinha com minhas pobres palavras e com minhas frases, na página do caderno, tecendo e retecendo a mortalha do seu corpo ausente. (MUKASONGA, 2017, 7)

A escrita vira, para Mukasonga, uma mortalha, um modo de reverenciar e homenagear os mortos cujos corpos ela não sabe onde estão. Como Ruth Klüger, sua família não tem túmulo e o trabalho de luto precisa tomar outra forma. Assim, suas páginas ganham essa função.

Assim, não considero suficiente pensar os textos de Klüger e Mukasonga na mesma chave de leitura do trauma, que vemos, por exemplo, em Primo Levi ou Jorge Semprún, que, por sua vez, descrevem uma dificuldade em encontrar seu lugar. Elas, ao contrário, afirmam suas origens como anteriores ao evento-limite. Suas obras, mesmo quando falam sobre o campo ou sobre a perseguição, não giram em torno dessa experiência, mas sim do que acontece em decorrência dela. O que trazem são questões importantes sobre a escrita. Não nego que o tema do trauma apareça, mas entendo que suas motivações para o testemunho são outras, vindas do anseio por quebrar um silêncio.

O lugar da escrita

Em Ruanda, um país tradicionalmente de cultura oral, ocorre um crescimento de sua produção literária após o genocídio de 1994. Adriana Aguiar, em seu artigo *Prelúdio a um genocídio: memória, rumor e teor testemunhal na narrativa de Scholastique Mukasonga*, organiza cronologicamente esse surgimento da cultura escrita. Logo após o massacre, escritores e jornalistas foram convocados para colher informações dos sobreviventes e escrever suas versões sobre o acontecido. Dentre esses, muitos estrangeiros e poucos ruandeses. E, deles, nenhum que esteve presente na eclosão do evento.

Adriana Aguiar levanta, então, a questão da diferença entre o testemunho direto e a escrita de um observador de fora. A experiência traz uma dimensão à escrita que não vemos em quem não esteve presente no evento. Para este, o que importa são os fatos. Já para o testemunho, há uma

responsabilidade moral em relação à dor e à memória da vítima (AGUIAR, 2018, 66). A isso, se mistura a questão comentada anteriormente: a representação. A autora cita Márcio Seligmann-Silva para argumentar que o testemunho é, de fato, uma alternativa ao silêncio. Entre todas as dificuldades da linguagem, “resta ao escritor, aquele que atravessou a morte, portanto, recorrer à imaginação para dar conta de elaborar a experiência do horror.” (AGUIAR, 2018, 67)

Quem atravessa a morte sabe mais do que ninguém como escrever o inenarrável. Afinal, sua imaginação é uma forma de elaborar e lidar com o que passou. Em Ruanda, essa vontade de narrar se transforma no crescimento da cultura escrita no país. Em resposta ao apagamento da identidade das vítimas do genocídio, a partir de sua bestialização, há o desejo de contar sua história:

Em outras palavras, se o projeto genocida tem a clara intenção de eliminar, apagar; a escrita pode se revelar, enquanto *pharmakon*, como espaço simbólico que marca, registra e ajuda a lembrar. Narrar, no pós-genocídio, tem, portanto, a potência de um ato de resistência, de dar testemunho aos mortos; é, com palavras, dar aos silenciados e desaparecidos uma existência pós-eliminação. A tarefa faz dialogar passado e futuro: ao evitar esquecer, compromete-se na tentativa de evitar que as catástrofes sejam reproduzidas. (AGUIAR, 2018, 66)

O “evitar esquecer” não se encaixa apenas na conhecida expressão “para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça”. Trazer à luz a voz dos silenciados é um papel importante da escrita, como vemos em Ruth Klüger ou Scholastique Mukasonga. No entanto, essa resistência não se aplica apenas ao testemunho “para os mortos” – Klüger, por exemplo, utiliza a escrita para tomar posse de sua própria história. O testemunho também é para si mesma: tudo que lhe é negado, por associação ao seu passado no *Lager*, é rebatido em sua obra. Uma passagem marca bem essa questão: quando sua tia, nos Estados

Unidos, tenta convencê-la de que deve apagar Auschwitz de sua memória e fingir que nunca aconteceu. Ela, ainda criança, nega a sugestão:

Pensei que ela queria tomar de mim a única coisa que tinha, ou seja, minha vida, a vida que vivera. Não se pode jogar isso fora como se tivéssemos uma outra guardada no armário. Ela também não desejaria jogar sua infância fora, essa é minha e pronto, não posso inventar uma outra vida para mim. Por que impor regras de como eu deveria lidar com ela? Catando palavras pouco acessíveis, rechacei essa sugestão de trair minha gente, os meus mortos. (KLÜGER, 2005, 203)

Esquecer seria tanto trair a si mesma quanto a seus mortos. Os campos fizeram parte de sua vida tanto quanto sua infância em Viena: não há separação do Eu. Já a escritora ruandesa, com seus livros, não apenas contou a história de sua família, mas também teve importante papel ao se tornar uma das primeiras romancistas – na cultura escrita – de Ruanda. Seu livro *Nossa Senhora do Nilo* (2012) conta a história das estudantes do liceu para meninas Nossa Senhora do Nilo e explora a segregação e perseguição entre hutus e tutsis. Esse liceu nunca existiu, nem suas personagens.

Apesar de ficcional – diferente de seus outros três livros sobre o Genocídio de Ruanda – o romance de 2012 fala muito sobre o que Scholastique Mukasonga não queria deixar calar: sua experiência no colégio. Em entrevista à FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty – de 2017, ela fala sobre a escrita de seus livros:

Nossa Senhora do Nilo foi meu primeiro romance. Eu quis fazê-lo porque nessa idade, a mesma em que me encontrava no colégio, que não era o Nossa Senhora do Nilo, mas o Nossa Senhora de Cîteaux, eu me vi numa situação de discriminação e ódio cotidianos da mesma maneira que minhas heroínas, Veronica e Virgínia. Essa foi uma das experiências mais dolorosas de minha vida. No caso das deportações para Nyamata, onde fomos confinados a partir dos anos 60, éramos todos tutsis.

Éramos maltratados, éramos mortos, mas vivíamos a mesma coisa. Aquilo era a normalidade e assimilamos a ideia de que éramos insetos. Quando cresci, eu nem me questionava: eu era um inseto e não tinha direito de viver. Mas isso era compartilhado. No colégio, ao contrário, onde eu fazia parte de uma cota de 10% (de tutsis), eu era minoria, estava solitária diante do ódio. Era muito doloroso e eu não podia escrever esse livro na forma de autobiografia. Foi preciso encontrar um outro tipo de escrita, a do romance. (MUKASONGA, 2017)

A escrita torna-se ato de resistência e um meio de comunicação para ela. Enquanto *Baratas* e *A Mulher de Pés Descalços* nos mostram a cultura tutsi e a história de sua família, *Nossa Senhora do Nilo* é uma reivindicação de sua própria memória. Em outro gênero literário, ela encontra a voz que lhe faltava para contar uma história que, apesar de dolorosa, precisava ser exposta.

Enfim, a resistência

Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga nos transmitem, em seus livros, um sentimento de resistência. Apesar de terem passado por eventos despersonalizadores, as duas ainda querem contar suas histórias e proteger suas identidades do apagamento. Klüger tem uma motivação pessoal, quer se apropriar de seu passado e provar que ele o pertence.

Hoje em dia há pessoas que perguntam: ‘Mas você era jovem demais para se lembrar daqueles tempos terríveis’. Ou nem mesmo perguntam, elas afirmam com plena certeza. Penso então que querem tirar de mim a minha vida, pois a vida nada mais é do que o tempo que se viveu, a única coisa que temos, e é isto que me negam quando põem em dúvida o meu direito de rememorar. (KLÜGER, 2005, 68-69)

Como na citação que vimos antes, em que discute com a tia, aparece novamente o receio de tirarem dela tudo que tem – sua vida. Ou, mesmo, a vida

de seu pai e irmão. Deixar de lembrar do passado, a época em que viveu com eles, seria impossível. E, ao mesmo tempo, supor que ela poderia esquecer o evento que causou a morte deles vai contra sua memória.

Scholastique Mukasonga se motiva por um sentimento coletivo de rememoração. Ela se vê como a guardiã da memória dos tutsis, responsável por passar adiante sua cultura e histórias. Se os hutus tanto queriam que eles fossem apagados da história de Ruanda, em suas páginas, os mortos são lembrados e velados:

A pista é ladeada por sebes altas verde-escuro, como grandes tapeçarias de luto; os eufórbios das antigas cercas enlouqueceram. Atrás, há uma confusão de espinheiros, como se jamais um ser humano tivesse se aventurado por lá. E, no entanto, homens, mulheres e crianças moraram lá, mesmo que lhes tenha sido negado o direito de viver, mesmo com todo o empenho de apagar o menor traço de sua existência. (MUKASONGA, 2018, 166)

Ao pintar a imagem de um país habitado por tutsis, descrever suas casas, seus hábitos culinários e o jeito que tratavam a terra, a autora vai contra o projeto genocidário de Ruanda. A existência tutsi é reafirmada em cada página de seus livros, para que não haja dúvida de quem morou lá.

É possível que, como as categorias de trauma e angústia, a resistência seja um caminho para o estudo dos testemunhos. Entender de onde vem a necessidade da escrita é essencial para entendermos os eventos, e vice-versa. Resistir é uma resposta à despersonalização, uma que não vem puramente do trauma. Ademais, é difícil colocar em uma caixa conceitual todas as representações que temos. Nesse sentido, para Ruth Klüger:

O papel que desempenha na vida o fato de ter estado num campo de concentração não pode ser avaliado por nenhuma regra psicológica precária; ao contrário, é sempre diferente para

cada indivíduo, depende do que o precedeu e do que se seguiu, bem como das coisas que ocorreram para cada indivíduo ali. Para cada um foi uma experiência única. (KLÜGER, 2005, 68)

Se cada experiência é única, cada resposta a ela também o é. Considerando a importância da representação escrita e o papel que nós desempenhamos, como historiadores e leitores, devemos ter em mente que o testemunho é uma via de mão-dupla:

Sem a nossa vontade de escutar, sem o desejo de também portar aquele testemunho que se escuta, não existe o testemunho. O dialogismo do testemunho o transporta para o campo da pragmática do testemunho. (SELIGMANN-SILVA, 2008, 72)

Precisa-se de alguém que queira ouvir e de alguém que queira contar. Então, que sejamos bons leitores, nos abrindo ao que as fontes nos dizem, antes de fazer um diagnóstico cego. Ruth Klüger e Scholastique Mukasonga são, afinal, dois exemplos de que há muitas camadas que ainda devemos explorar na literatura de testemunho. O luto, a experiência, a rememoração, a resistência e a angústia são várias faces que podemos encontrar em uma só obra. E, de certa maneira, evidenciam que se trata de uma leitura sobre vidas reais, com seus percalços e peculiaridades. Vidas que não começaram – nem terminaram – no trauma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Adriana. **Prelúdio a um genocídio: memória, rumor e teor testemunhal na narrativa de Scholastique Mukasonga**. Caligrama: Revista De Estudos Românicos, v. 23, p. 63-82, 2018.

CALDAS, PEDRO SPINOLA PEREIRA. **O conceito de evento limite: Uma análise de seus diagnósticos**. TEMPO (Niterói. Online), v. 25, p. 737-757, 2019.

FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty. **Sobremesa Flip 2017 - Scholastique Mukasonga**. Youtube, 21/08/17. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=KW9Gw5g_TVE>. Acesso em: 30/08/22.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da Memória: Autobiografia de uma Sobrevivente do Holocausto**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

LACAPRA, Dominick. **Escribir la Historia, Escribir el Trauma**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

MUKASONGA, Scholastique. **A Mulher de Pés Descalços**. São Paulo: Ed NÓS, 2017.

_____. **Nossa Senhora do Nilo**. São Paulo: Ed NÓS, 2017.

_____. **Baratas**. São Paulo: Ed NÓS, 2018.

SELIGMANN-SILVA, M.; NESTROVSKI, Arthur (Org. **Catástrofe e Representação**. 1a. ed. São Paulo: Escuta, 2000.

SELIGMANN-SILVA, M. **Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psicol. clin. vol.20 no.1. Rio de Janeiro, 2008. p. 65-82, 2008.

WIEVIORKA, Annette. **The Era of the Witness**. Ithaca: Cornell University Press, 2006.

Recebido em Setembro de 2022.

Aprovado em Novembro de 2022.